

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO

A IDENTIDADE MISSIONÁRIA
DO PRESBÍTERO NA IGREJA,
COMO DIMENSÃO INTRÍNSECA
DO EXERCÍCIO DOS TRIA MUNERA

Carta circular



LIBRERIA EDITRICE VATICANA

© Copyright 2011 - Libreria Editrice Vaticana - 00120 Città del Vaticano
Tel. 06.698.81032 - Fax 06.698.84716

ISBN 978-88-209-8469-4

www.vatican.va

www.libreriaeditricevaticana.com



CONGREGATIO PRO CLERICIS

Venerados Irmãos no Episcopado,

É com sincera gratidão que, logo após a conclusão do Ano Sacerdotal, a Congregação para o Clero oferece, através dos Senhores Bispos, a todo o Povo de Deus e, em particular, aos Sacerdotes, o fruto da Assembléia Plenária que se realizou no Vaticano, nos dias 16 a 18 de março de 2009, com o tema: «A identidade missionária do presbítero na Igreja como dimensão intrínseca dos *tria munera*».

Seguindo a trajetória dos distintos trabalhos oferecidos nos últimos anos: o *Directório para o ministério e para a vida dos presbíteros* (1994), o «*Directório para o ministério e para a vida dos diáconos permanentes*» (1998); a Carta Circular «*O Presbítero mestre da Palavra, ministro dos sacramentos e guia da comunidade, em vista do terceiro milênio*» (1999); a Instrução «*O presbítero, pastor e guia da comunidade paroquial*» (2002), a presente Carta Circular quer evidenciar a importância da dimensão missionária e a sua relação constitutiva com a identidade do ministro ordenado.

De fato, cada sacerdote participa da vida do Senhor Jesus, age na Sua Pessoa e, conseqüentemente, é instrumento essencial da Sua missão de enviado do Pai, para conduzir todos os homens ao conhecimento da Verdade. O ser pastor exige que o impulso missionário seja vivido de forma pessoal, com profundo desejo de propagar o Reino de Deus e que seja transmitido com permanente testemunho evangélico, primeiro elemento de todo autêntico apostolado.

Confiamos a existência e a conseqüente missão dos Sacerdotes, na qual vive a própria missão da Igreja, à proteção da Bem-Aventurada

Virgem Maria, Rainha dos Apóstolos, para que através do fiel exercício do *munus docendi*, do atento e devoto cumprimento do *munus sanctificandi* e da competente guia do *munus regendi*, possam realmente apresentar Cristo, Único Sumo Sacerdote e Pastor das nossas almas.

Cláudio Card. Hummes

CLÁUDIO Cardinal HUMMES
Arcivescovo Emerito di São Paulo
Prefetto

+ *Mauro Piacenza*

✠ MAURO PIACENZA
Arcivescovo tit. di Vittoriana
Segretario

**ALOCUÇÃO DO SANTO PADRE O PAPA BENTO XVI
DURANTE A AUDIÊNCIA CONCEDIDA
À CONGREGAÇÃO PARA O CLERO**

Segunda-feira,
16 de Março de 2009

*Senhores Cardeais
Venerados Irmãos
no Episcopado e no Sacerdócio*

Estou feliz por vos poder receber nesta audiência especial, na vigília da partida para a África, aonde irei para entregar o *Instrumentum laboris* da segunda Assembléia Especial do Sínodo para a África, que se realizará aqui em Roma no próximo mês de Outubro. Agradeço ao Prefeito da Congregação, Senhor Cardeal Cláudio Hummes, as amáveis expressões com que interpretou os sentimentos de todos, e estou-vos grato pela bonita missiva que me escrevestes. Juntamente com ele, saúdo todos vós, Superiores, Oficiais e Membros da Congregação, com espírito agradecido por todo o trabalho que levais a cabo ao serviço de um setor tão importante da vida da Igreja.

O tema que escolhestes para esta Plenária – «A identidade missionária do presbítero na Igreja, como dimensão intrínseca do exercício dos *tria munera*» – permite algumas reflexões para o trabalho destes dias e para os frutos abundantes que certamente ele há-de produzir. Se toda a Igreja é missionária, e se cada cristão, em virtude do Batismo e da Confirmação, *quasi ex officio* (cf. *Código de Direito Canónico*, cân. 1305) recebe o mandato de professar publicamente a fé, o sacerdócio ministerial, também deste ponto de vista, distingue-se ontologicamente e não apenas por grau, do sacerdócio batismal, chamado inclusive sacerdócio comum. Com efeito, do primeiro o mandato apostólico é constitutivo: «Ide, pois, pelo mundo inteiro e anunciai o Evangelho a todas as criaturas» (*Mc* 16, 15). Como sabemos, este mandato não é um simples encargo confiado a colaboradores; as suas raízes são ainda mais profundas e devem ser procuradas muito mais longe. A dimensão missionária do presbítero nasce da sua configuração sacra-

mental com Cristo Cabeça: ela traz consigo, como consequência, uma adesão cordial e total àquela que a tradição eclesial reconheceu como a *apostólica vivendi forma*. Ela consiste na participação numa «vida nova», espiritualmente entendida, naquele «novo estilo de vida» que foi inaugurado pelo Senhor Jesus e foi feito próprio pelos Apóstolos. Pela imposição das mãos do Bispo e a oração consecratória da Igreja, os candidatos tornam-se homens novos, tornam-se «presbíteros». Nesta luz, aparece claramente como os *tria munera* são primeiro um dom e só consequentemente um ofício, primeiro uma participação numa vida, e por isso uma *potestas*. Sem dúvida, a grande tradição eclesial justamente desvinculou a eficácia sacramental da situação existencial concreta de cada sacerdote, e assim as expectativas legítimas dos fiéis são adequadamente salvaguardadas. Mas esta justa especificação doutrinal nada tira à necessária, aliás indispensável, tensão para a perfeição moral, que deve habitar cada coração autenticamente sacerdotal.

Precisamente em vista de favorecer esta tensão dos sacerdotes para a perfeição espiritual da qual sobretudo depende a eficácia do seu ministério, decidi proclamar um especial «ano sacerdotal», que irá de 19 de Junho próximo ao dia 11 de Junho de 2010. Efetivamente, celebra-se o 150º aniversário da morte do Santo Cura d’Ars, João Maria Vianney, verdadeiro exemplo de Pastor ao serviço da grei de Cristo. Será tarefa da vossa Congregação, em sintonia com os Ordinários diocesanos e com os Superiores dos Institutos religiosos, promover e coordenar as várias iniciativas espirituais e pastorais que parecerem úteis para fazer compreender cada vez mais a importância do papel e da missão do sacerdote na Igreja e na sociedade contemporânea.

A missão do presbítero, como evidencia o tema da Plenária, realiza-se «na Igreja». Esta dimensão eclesial, comunitária, hierárquica e doutrinal é absolutamente indispensável para toda a missão autêntica e a única que garante a sua eficácia espiritual. Os quatro aspectos mencionados devem ser sempre reconhecidos como intimamente correlacionados: a missão é «eclesial», porque ninguém se anuncia nem se leva a si mesmo mas, dentro e através da própria humanidade, cada sacerdote deve estar bem consciente de levar Outro, o próprio Deus, ao mundo. Deus é a única riqueza que, de modo definitivo, os homens desejam encontrar num sacerdote. A missão é «comunitária», porque se realiza numa unidade e numa comunhão que apenas se-

cundariamente têm também aspectos relevantes de visibilidade social. Por outro lado, eles derivam essencialmente da intimidade divina em que o sacerdote é chamado a ser perito para poder, com humildade e confiança, conduzir ao mesmo encontro com o Senhor as almas que lhe forem confiadas. Enfim, as dimensões «hierárquica» e «doutrinal» sugerem que se confirme a importância da disciplina (este termo liga-se a «discípulo») eclesial e da formação doutrinal, e não somente teológica, inicial e permanente.

A consciência das mudanças sociais radicais das últimas décadas deve levar as melhores energias eclesiais a dedicar-se à formação dos candidatos ao ministério. De modo particular, deve estimular a solicitude constante dos Pastores pelos seus primeiros colaboradores, quer cultivando relacionamentos humanos verdadeiramente paternos, quer preocupando-se com a sua formação permanente, sobretudo sob o perfil doutrinal e espiritual. A missão tem as suas raízes de modo especial numa boa formação, desenvolvida em comunhão com a Tradição eclesial ininterrupta, sem cesuras nem tentações de descontinuidade. Neste sentido, é importante favorecer nos sacerdotes, sobretudo nas jovens gerações, uma correcta recepção dos textos do *Concílio Ecuménico Vaticano II*, interpretados à luz de toda a bagagem doutrinal da Igreja. Parece urgente também a recuperação desta consciência que impele os sacerdotes a estar presentes e ser identificáveis e reconhecíveis quer pelo juízo de fé, quer pelas virtudes pessoais, quer também pelo hábito eclesial, nos âmbitos da cultura e da caridade, desde sempre no coração da missão da Igreja.

Como Igreja e como sacerdotes, anunciamos Jesus de Nazaré Senhor e Cristo, crucificado e ressuscitado, Soberano do tempo e da história, na jubilosa certeza de que tal verdade coincide com as expectativas mais profundas do coração humano. No mistério da encarnação do Verbo, ou seja, no facto de que Deus se fez homem como nós, encontram-se quer o conteúdo quer o método do anúncio cristão. Aqui a missão dispõe do seu verdadeiro centro propulsor: precisamente em Jesus Cristo. A centralidade de Cristo traz consigo a justa valorização do sacerdócio ministerial, sem o qual não haveria a Eucaristia, nem muito menos a missão e a própria Igreja. Neste sentido, é necessário velar a fim de que as «novas estruturas» ou organizações pastorais não sejam pensadas para uma época em que se deveria «re-

nunciar» ao ministério ordenado, partindo de uma interpretação errônea da justa promoção dos leigos, porque em tal caso colocar-se-iam os pressupostos para a ulterior diluição do sacerdócio ministerial e as eventuais presumíveis «soluções» viriam a coincidir dramaticamente com as verdadeiras causas das problemáticas contemporâneas ligadas ao ministério.

Estou persuadido de que nestes dias o trabalho da Assembléia Plenária, sob a salvaguarda da *Mater Ecclesiae*, poderá aprofundar estas breves referências que me permito submeter à atenção dos Senhores Cardeais e dos Arcebispos e Bispos, invocando sobre todos a abundância das dádivas celestiais, em penhor das quais concedo a vós e às pessoas que vos são queridas uma especial e afetuosa Bênção Apostólica.

Benedictus PP XVI



CONGREGATIO PRO CLERICIS

A IDENTIDADE MISSIONÁRIA
DO PRESBÍTERO NA IGREJA
COMO DIMENSÃO INTRÍNSECA
DO EXERCÍCIO DOS TRIA MUNERA

Carta Circular

Introdução

Ecclesia peregrinans natura sua missionaria est.

«A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo».¹

O Concílio Ecumênico Vaticano II, no fluxo ininterrupto da Tradição, é bem explícito na afirmação da missionariedade intrínseca da Igreja. A Igreja não existe por si e para si mesma: sua origem está nas missões do Filho e do Espírito; a Igreja é chamada, por sua natureza, a sair de si mesma dirigindo-se ao mundo, para ser sinal do Emanuel, do Verbo que se fez carne, do Deus-conosco.

Do ponto de vista teológico, a missionariedade está inserida em cada uma das notas da Igreja, sendo particularmente representada pela catolicidade e pela apostolicidade. Como cumprir fielmente a tarefa de sermos apóstolos, testemunhas fiéis do Senhor, anunciadores da Palavra e administradores humildes e seguros da graça, senão mediante a missão, entendida como verdadeiro e próprio fator constitutivo do ser Igreja?

Além disso, a missão da Igreja é a que ela recebeu de Jesus Cristo, por meio do dom do Espírito Santo. Tal missão é única e está confiada a todos os membros do povo de Deus, que se tornam participantes do sacerdócio de Cristo mediante os sacramentos da iniciação, com a finalidade de oferecer a Deus um sacrifício espiritual e testemunhar Cristo diante dos homens. Essa missão se estende a todos os homens, a todas as culturas, a todos os lugares e a todos os tempos. A uma única missão corresponde um único sacerdócio: o de Cristo, do qual

¹ CONC. ECUM. VAT. II, Decr. *Ad gentes*, 2; cf. também 5-6; 9-10; Const. dogm. *Lumen gentium*, 8; 13; 17; 23; Decr. *Christus Dominus*, 6.

participam todos os membros do povo de Deus, embora de maneira efetivamente diferente, e não apenas em grau diverso.

Nessa missão, certamente, os presbíteros, enquanto colaboradores mais preciosos dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, têm um papel central e absolutamente insubstituível, que lhes é confiado pela providência de Deus.

1. Consciência eclesial da necessidade de um renovado empenho missionário

A missionariedade intrínseca da Igreja se baseia dinamicamente nas próprias missões trinitárias. A Igreja é chamada, por sua natureza, a anunciar a pessoa de Jesus Cristo morto e ressuscitado, a dirigir-se à humanidade inteira, segundo o mandato recebido do próprio Senhor: «Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura» (*Mt* 16,15); «Como o Pai me enviou, também eu vos envio» (*Jô* 20,21). Na própria vocação de São Paulo, está presente um envio: «Vai, porque é para os gentios, para longe, que eu quero enviar-te» (*At* 22,21).

Para realizar essa missão, a Igreja recebe o Espírito Santo, enviado pelo Pai e pelo Filho no dia de Pentecostes. O Espírito que desceu sobre os Apóstolos é o Espírito de Jesus: leva a reproduzir os gestos de Jesus, a anunciar a palavra de Jesus (cf. *At* 4,30), a repetir a oração de Jesus (cf. *At* 7,59s; *Lc* 23,34.46), a perpetuar, na fração do pão, o agradecimento e o sacrifício de Jesus e conserva a unidade entre os irmãos (cf. *At* 2,42; 4,32). O Espírito Santo confirma e manifesta a comunhão dos discípulos como nova criação, como comunidade de salvação escatológica, e envia em missão: «Sereis minhas testemunhas [...] até os confins da terra» (*At* 1,8). O Espírito Santo impele a Igreja nascente à missão no mundo inteiro, demonstrando, dessa forma, que ele é derramado sobre «toda carne» (cf. *At* 2,17).

Nos dias de hoje, vistas as condições novas da presença e atividade da Igreja no panorama mundial, renova-se a urgência missionária, não apenas *ad gentes*, mas dentro do próprio rebanho, já constituído, da Igreja.

Nas últimas décadas, o magistério petrino expressou com autoridade e tons cada vez mais fortes e decididos a urgência de um renovado esforço missionário. Basta pensar na *Evangelii nuntiandi*, de Paulo VI,

ou na *Redemptoris missio* e *Novo millennio ineunte*, de João Paulo II,² até chegar às numerosas intervenções de Bento XVI.³

Não é menor a preocupação do Papa Bento XVI pela missão *ad gentes*, como demonstra sua constante solicitude. É preciso destacar e encorajar cada vez mais a presença, nos dias de hoje, de um número muito grande de missionários enviados *ad gentes*. Obviamente, eles não são suficientes. E vem-se delineando, ainda, um fenômeno novo: missionários africanos e asiáticos que ajudam a Igreja, por exemplo, na Europa.

É preciso também que nos alegremos e agradeçamos a Deus por vários novos Movimentos e Comunidades Eclesiais, até mesmo de ca-

² Cf. PAULO VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi* (8 de dezembro de 1975), 2; 4-5; 14; JOÃO PAULO II, Cart. enc. *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 1; ID., Cart. ap. *Novo millennio ineunte* (6 de janeiro de 2001), 1; 40; 58.

³ BENTO XVI, falando aos bispos alemães durante a Jornada Mundial da Juventude (2005), disse: «Sabemos que o secularismo e a descristianização estão a alastrar-se, que o relativismo cresce e que a influência da ética e da moral católicas diminui cada vez mais. Não poucas pessoas abandonam a Igreja ou então, se nela permanecem, somente aceitam uma parte do ensinamento católico, escolhendo apenas determinados aspectos do cristianismo. Permanece preocupante a situação religiosa no Leste, onde sabemos que a maioria da população ainda não recebeu o batismo, não mantém qualquer contato com a Igreja e muitas vezes não tem nenhum conhecimento acerca de Cristo e da Igreja. [...] Diletos Irmãos, vós mesmos afirmastes [...]: ‘Nós tornamo-nos terra de missão’. [...] Deveríamos refletir seriamente sobre o modo como hoje podemos realizar uma verdadeira evangelização [...]. As pessoas não conhecem a Deus, não conhecem a Cristo. Existe um novo paganismo e não é suficiente que procuremos manter o rebanho já existente, embora isso seja muito importante; mas impõe-se esta grande interrogação: o que é realmente a vida? Penso que todos juntos devemos procurar descobrir novos modos de apresentar o Evangelho ao mundo contemporâneo, anunciar de novo Cristo e estabelecer a fé» (*Disc. no Seminário de Colônia*, 21 de agosto de 2005). Ao Clero de Roma, Bento XVI, no início do pontificado, sublinhou a importância da Missão na Cidade, já em andamento (cf. *Discurso ao Clero de Roma* [13 de maio de 2005]). Em sua viagem ao Brasil, em maio de 2007, para abrir a 5ª Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, cujo tema era «Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n’Ele os nossos povos tenham vida», o Papa encorajou os Bispos brasileiros a uma verdadeira «missão», voltada àqueles que, mesmo tendo sido batizados por nós, por diversas circunstâncias históricas não foram suficientemente evangelizados (cf. *Discurso aos Bispos do Brasil na Catedral da Sé, em São Paulo* [11 de maio de 2007]).

ráter leigo, que vivem a missionariedade, quer em sua região – entre os católicos que, por motivos diversos, não vivem a pertença à comunidade eclesial –, quer *ad gentes*.

2. Aspectos teológico-espirituais da missionariedade dos presbíteros

Não podemos considerar o aspecto missionário da teologia e da espiritualidade sacerdotal sem explicitar a relação com o mistério de Cristo. Como já destacamos no n° 1, a Igreja encontra seu fundamento nas missões de Cristo e do Espírito Santo: assim, toda «missão» e a dimensão missionária da própria Igreja, intrínseca a sua natureza, se baseiam na participação da missão divina. O Senhor Jesus é, por antonomásia, o enviado do Pai. Com intensidade maior ou menor, todos os escritos neotestamentários dão esse testemunho.

No Evangelho de Lucas, Jesus apresenta a si mesmo como aquele que, consagrado com a unção do Espírito, foi enviado a anunciar a Boa Nova aos pobres (cf. *Lc* 4,18; *Is* 61,1-2). Nos três Evangelhos sinóticos, Jesus identifica a si mesmo com o filho amado que, na parábola dos vinhateiros homicidas, é enviado pelo senhor da vinha por último, depois dos servos (cf. *Mc* 12,1-12; *Mt* 21,33-46; *Lc* 20,9-19); fala ainda em outros momentos de sua condição de enviado (cf. *Mt* 15,24). Em Paulo também aparece a idéia da missão de Cristo como enviado de Deus Pai (cf. *Gl* 4,4; *Rm* 8,3).

Mas é sobretudo nos textos joaninos que aparece, com maior frequência, a «missão» divina de Jesus.⁴ Ser «o enviado do Pai» pertence certamente à identidade de Jesus: Ele é aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo, e esse fato é expressão de sua irrepetível filiação divina (cf. *Jô* 10,36-38). Jesus levou a termo a Obra Salvífica, sempre, como enviado do Pai e como aquele que realiza as obras de quem o enviou, em obediência a sua vontade. Somente no cumprimento dessa vontade Jesus exerceu seu ministério de sacerdote, profeta e rei. Ao mesmo tempo é como enviado do Pai que ele, por sua vez, envia os

⁴ Entre os textos da missão encontramos *Jô* 3,14; 4,34; 5,23-24.30.37; 6,39.44.57; 7,16.18.28; 8,18.26.29.42; 9,4; 11,42; 14,24; 17,3.18; *1 Jô* 4,9.14.

discípulos. A missão, em todos os seus vários aspectos, tem seu fundamento na missão do Filho no mundo e na missão do Espírito Santo.⁵

Jesus é o enviado que, por sua vez, envia (cf. *Jô* 17,18). A «missionariedade» é, antes de mais nada, uma dimensão da vida e do ministério de Jesus e, por conseguinte, o é também da Igreja e de cada indivíduo cristão, de acordo com as exigências de sua vocação pessoal. Vemos como Jesus exerceu seu ministério salvífico, para o bem dos homens, nas dimensões do ensino, da santificação e do governo, intimamente ligadas; ou, em outros termos, mais propriamente bíblicos, enquanto profeta e revelador do Pai, enquanto sacerdote e enquanto Senhor, rei, pastor.

Embora Jesus, em sua proclamação do Reino e em sua função de revelador do Pai, tenha-se sentido especialmente enviado ao povo de Israel (cf. *Mt* 15,24; 10,5), não faltam diversos episódios em sua vida nos quais se manifesta o horizonte de universalidade de sua mensagem: Jesus não exclui os gentios da salvação, louva a fé de alguns deles, por exemplo a do centurião, e anuncia que os pagãos virão dos confins do mundo, para se sentar à mesa com os patriarcas de Israel (cf. *Mt* 8,10-12; *Lc* 7,9); igualmente, diz à mulher cananéia: «Mulher, grande é a tua fé! Seja feito como queres» (*Mt* 15,28; cf. *Mc* 7,29). Em continuidade com sua missão, Jesus ressuscitado envia seus discípulos a pregar o Evangelho a todas as nações, numa missão universal (cf. *Jô* 20,21-22; *Mt* 28,19-20; *Mc* 16,15; *At* 1,8). A revelação cristã se destina a todos os homens, sem distinções.

A revelação de Deus Pai, trazida por Jesus, baseia-se em sua união irrepetível com o Pai, em sua consciência filial; só a partir desta pode Jesus exercer sua função de revelador (cf. *Mt* 11,12-27; *Lc* 10,21-22; *Jô* 1,18; 14,6-9; 17,3.4.6). Dar a conhecer o Pai, com tudo o que esse conhecimento implica, é a finalidade última de todo o ensinamento de Jesus. Sua missão de revelador está tão arraigada no mistério de sua pessoa, que, mesmo na vida eterna, continuará sua revelação do Pai: «Eu lhes dei a conhecer o teu nome e lhes darei a conhecê-lo, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles e eu neles» (*Jô*

⁵ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 690.

17,26; cf. 17,24). Essa experiência da paternidade divina deve impelir os discípulos ao amor por todos, e nisso consistirá sua «perfeição» (cf. *Mt* 5,45-48; *Lc* 6,35-36).

O ministério sacerdotal de Jesus não pode ser entendido sem a perspectiva da universalidade. É clara, a partir dos textos neotestamentários, a consciência que Jesus tem de sua missão, que o leva a dar a vida por todos os homens (cf. *Mc* 10,45; *Mt* 20,28). Jesus, que não pecou, põe-se no lugar dos homens pecadores e, por eles, se oferece ao Pai. As palavras da instituição da Eucaristia testemunham a mesma consciência e a mesma atitude; Jesus oferece a própria vida no sacrifício da Nova Aliança em favor dos homens: «Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos» (*Mc* 14,24; cf. *Mt* 26,28; *Lc* 22,20; *1 Cor* 11,24-25).

O sacerdócio de Cristo foi aprofundado, principalmente, na Carta aos Hebreus, em que é ressaltado que ele é o sacerdote eterno, que possui um sacerdócio que não tem ocaso (cf. *Hb* 7,24), é o sacerdote perfeito (cf. *Hb* 7,28). Diante da multiplicidade de sacerdotes e de sacrifícios antigos, Cristo ofereceu a si mesmo, uma só vez e de uma vez para sempre, mediante o sacrifício perfeito (cf. *Hb* 7,27; 9,12.28; 10,10; *1 Pd* 3,18). Essa unicidade de sua pessoa e de seu sacrifício confere ao sacerdócio de Cristo o seu caráter único e universal; toda a sua pessoa e, concretamente, o sacrifício redentor que tem um valor para a eternidade, traz o signo do que não passa e é insuperável. Cristo, sumo e eterno sacerdote, continua ainda, em sua condição de glorificado, a interceder por nós junto do Pai (cf. *Jô* 14,16; *Rm* 8,32; *Hb* 7,25; 9,24; 10,12; *1 Jô* 2,1).

Jesus, enviado pelo Pai, aparece também como Senhor no Novo Testamento (cf. *At* 2,36). É o evento da ressurreição que leva os cristãos a reconhecerem o domínio de Cristo. Nas primeiras confissões de fé, aparece esse título fundamental relacionado com a ressurreição (cf. *Rm* 10,9). Não falta a referência a Deus Pai em muitos dos textos que nos falam de Jesus como Senhor (cf. *Ft* 2,11). Por outro lado, Jesus, que anunciou o reino de Deus, especialmente ligado a sua pessoa, é rei, como ele mesmo indica no Evangelho de João (cf. *Jô* 18,33-37). E, no fim dos tempos, irá «entregar a realeza a seu Deus e Pai, depois de destruir todo Principado e toda Autoridade e poder» (*1 Cor* 15,24).

Naturalmente, o domínio de Cristo tem pouco a ver com o dos grandes da terra (cf. *Lc* 22,25-27; *Mt* 20,25-27; *Mc* 10,42-45), pois, como ele mesmo indica, seu reino não é deste mundo (cf. *Jo* 18,36). Por isso, o domínio de Cristo é o do bom pastor, que conhece todas as ovelhas, que oferece a vida por elas e quer reuni-las todas num só rebanho (cf. *Jo* 10,14-16). A parábola da ovelha perdida também fala, indiretamente, de Jesus bom pastor (cf. *Mt* 18,12-14; *Lc* 15,4-7). Jesus é, ainda, o «Supremo Pastor» (*1 Pd* 5,4).

Em Jesus se realiza, de modo eminente, o que a tradição veterotestamentária tinha dito sobre Deus pastor do povo de Israel: «Eu as apascentarei em viçosas pastagens, e no alto monte de Israel estará o seu curral. [...] Eu mesmo apascentarei minhas ovelhas e as farei repousar — oráculo do Senhor Deus. Procurarei a ovelha perdida, reconduzirei a desgarrada, enfaixarei a quebrada, fortalecerei a doente e vigiarei a ovelha gorda e forte. Vou apascentá-las conforme o direito» (*Ez* 34,14-16). E mais adiante acrescenta: «Estabelecerei sobre elas um único pastor, o meu servo Davi. Ele as apascentará e lhes servirá de pastor. Eu, o Senhor, serei o seu Deus...» (*Ez* 34,23-24; cf. *Jr* 23,1-4; *Zc* 11,15-17; *Sl* 23,1-6).⁶

Só a partir de Cristo tem sentido a reflexão tradicional sobre os *tria munera* que configuram o sagrado ministério dos Sacerdotes. Não podemos esquecer que Jesus se considera presente em seus enviados: «Quem recebe aquele que eu enviar, a mim recebe e quem me recebe, recebe aquele que me enviou» (*Jo* 13,20; cf. também *Mt* 10,40; *Lc* 10,16). Existe uma corrente de «missões», que tem sua origem no próprio mistério do Deus Uno e Trino, que deseja que todos os homens participem da sua vida. O enraizamento trinitário, cristológico⁷ e eclesiológico do ministério dos Sacerdotes é o fundamento da identidade missionária. A vontade salvífica universal de Deus, a unicidade e a necessidade da mediação de Cristo (cf. *1 Tm* 2,4-7; 4,10) não per-

⁶ Cf. também JOÃO PAULO II, Exort. ap. pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de março de 1992), 22.

⁷ *Ibid.*, 12: «A referência a Cristo é, então, a chave absolutamente necessária para a compreensão das realidades sacerdotais».

mitem traçar limites na obra de evangelização e santificação da Igreja. Toda a economia da salvação tem sua origem no desígnio do Pai de recapitular tudo em Cristo (cf. *Ef* 1,3-10) e na realização desse desígnio, que se realizará completamente na vinda do Senhor na glória.

O Concílio Vaticano II alude claramente ao exercício dos *tria munera* de Cristo, por parte dos presbíteros, como colaboradores da ordem episcopal: «Participantes, segundo o grau do seu ministério, da função de Cristo único mediador (*1 Tm*, 2,5), anunciam a todos a palavra de Deus. Mas é no culto eucarístico ou sinaxe que exercem principalmente o seu múnus sagrado; nela, atuando em nome de Cristo e proclamando o seu mistério, unem as preces dos fiéis ao sacrifício da cabeça e, no sacrifício da missa, fazem presente e aplicam, até à vinda do Senhor (cf. *1 Cor* 11,26), o único sacrifício do Novo Testamento, ou seja, Cristo oferecendo-se, uma vez por todas, ao Pai, como hóstia imaculada (cf. *Hb* 9, 11-28). [...] Desempenhando, segundo a medida da autoridade que possuem, o múnus de Cristo pastor e cabeça, reúnem a família de Deus em fraternidade animada por um mesmo espírito e, por Cristo e no Espírito Santo, conduzem-na a Deus Pai. No meio do próprio rebanho adoram-nO em espírito e verdade (cf. *Jó* 4,24)».⁸

Em virtude do sacramento da Ordem, que confere um caráter espiritual indelével,⁹ os presbíteros são consagrados, ou seja, tirados «do mundo» e entregues «ao Deus vivo», tomados «como sua propriedade, a fim de que, a partir d'Ele, possam desempenhar o serviço sacerdotal pelo mundo», para pregar o Evangelho, ser os pastores dos fiéis e celebrar o culto divino, como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento (cf. *Hb* 5,1).¹⁰

O Sumo Pontífice Bento XVI, na alocução que dirigiu aos participantes da Assembléia Plenária da Congregação para o Clero, afirmou que «a dimensão missionária do presbítero nasce da sua configuração sacramental com Cristo Cabeça: de consequência, ela comporta uma

⁸ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 28.

⁹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 1582.

¹⁰ Cf. BENTO XVI, *Homília para a Santa Missa Crismal* (9 de abril de 2009); JOÃO PAULO II, Exort. ap. pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de março de 1992), 12; 16.

adesão cordial e total àquela que a tradição eclesial reconheceu como a *apostolica vivendi forma*. Esta consiste na participação numa «vida nova» espiritualmente falando, naquele «novo estilo de vida» que foi inaugurado pelo Senhor Jesus e assumido pelos Apóstolos. Pela imposição das mãos do Bispo e a oração consecratória da Igreja, os candidatos tornam-se homens novos, tornam-se «presbíteros». Sob esta luz, vê-se claramente como os *tria munera* são, primeiro, um dom e, só depois, um ofício; primeiro, a participação numa vida, e por isso uma *potestas*».¹¹

O Decreto *Presbyterorum ordinis*, sobre o ministério e a vida sacerdotal, explica essa verdade quando se refere aos presbíteros como ministros da palavra de Deus, ministros da santificação por meio dos sacramentos e da eucaristia, guias e educadores do povo de Deus. A identidade missionária do presbítero, embora não apareça explicitamente muito desenvolvida, está claramente presente nesses textos. Neles é sublinhado expressamente o dever de anunciar a todos o Evangelho de Deus, correspondendo ao mandato do Senhor por meio da proclamação da mensagem evangélica, com uma referência expressa aos não crentes e uma chamada à fé e aos sacramentos. O sacerdote, «enviado», que participa da missão de Cristo enviado pelo Pai, encontra-se envolvido numa dinâmica missionária, sem a qual não pode realmente viver sua identidade.¹²

Também na Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Pastores dabo vobis* é afirmado que, mesmo inserido numa Igreja particular, o presbítero, em virtude de sua ordenação, recebeu um dom espiritual que o prepara para uma missão universal, até os confins da terra, pois «todo ministério sacerdotal participa da mesma amplitude universal da missão

¹¹ BENTO XVI, *Discurso aos participantes da Plenária da Congregação para o Clero* (16 de março de 2009). É, sem dúvida, o batismo que torna todos os fiéis «homens novos». O sacramento da Ordem, portanto, se por um lado especifica e atualiza o que os presbíteros têm em comum com todos os batizados, por outro revela qual é a natureza própria do sacerdócio ordenado: permanecer em tudo orientado para Cristo, cabeça e pastor da Igreja, servir à nova criação que nasce do banho batismal: *Vobis enim sum episcopus – afirma Agostinho – vobiscum sum christianus*.

¹² Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Decr. *Presbyterorum Ordinis*, 4-6. Sobre os *tria munera* debruça-se também longamente João Paulo II, Exort. ap. pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de março de 1992), 26.

confiada por Cristo aos apóstolos».¹³ Por isso, a vida espiritual do sacerdote deve ser caracterizada pelo impulso e dinamismo missionário: na esteira do Concílio Vaticano II, é indicado que os sacerdotes devem formar a comunidade que lhes foi confiada, para fazer dela uma comunidade autenticamente missionária.¹⁴ A função de pastor exige que o impulso missionário seja vivido e comunicado, pois toda a Igreja é essencialmente missionária. Dessa dimensão da Igreja deriva de modo decisivo a identidade missionária do presbítero.

Quando se fala de missão, é preciso levar em consideração, necessariamente, que o enviado – o presbítero, nesse caso – encontra-se em relação tanto com quem o envia como com aqueles aos quais é enviado. Examinando sua relação com Cristo, o primeiro enviado do Pai, é preciso sublinhar o fato de que, conforme os textos do Novo Testamento, é o próprio Cristo que envia e constitui os ministros de sua Igreja, mediante o dom do Espírito Santo concedido na ordenação sacramental; eles não podem ser considerados simplesmente eleitos ou delegados da comunidade ou do povo sacerdotal. O envio vem de Cristo; os ministros da Igreja são instrumentos vivos de Cristo único mediador.¹⁵ «O presbítero encontra a verdade plena da sua identidade no fato de ser uma derivação, uma participação específica e uma continuação do próprio Cristo, sumo e único Sacerdote da nova e eterna Aliança: ele é uma imagem viva e transparente de Cristo Sacerdote».¹⁶

Tomando como ponto de partida essa referência cristológica, aparece claramente a dimensão missionária da vida do sacerdote: Jesus morreu e ressuscitou por todos os homens que quer reunir num só rebanho; ele tinha de morrer para reunir todos os filhos de Deus que estavam dispersos (cf. *Jo* 11,52). Se todos morrem em Adão, em Jesus todos retornam à vida (cf. *1 Cor* 15,20-22); em Jesus, Deus reconcilia o mundo consigo (cf. *2 Cor* 5,19); assim, Jesus ordenou aos apóstolos

¹³ JOÃO PAULO II, *ibid.*, 32.

¹⁴ Cf. *ibid.*, 26; JOÃO PAULO II, Cart. enc. *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 67.

¹⁵ Cf. A. VANHOYE, *Prêtres anciens, prêtre nouveau selon le Nouveau Testament*, Paris 1980, 346.

¹⁶ JOÃO PAULO II, Exort. ap. pós-sinodal *Pastores dabo vobis* (25 de março de 1992), 12.

que pregassem o Evangelho a todos os povos. Todo o Novo Testamento é atravessado pela idéia da universalidade da ação salvífica de Cristo e de sua única mediação. O presbítero, configurado a Cristo profeta, sacerdote e rei, não pode deixar de ter o coração aberto a todos os homens e – concretamente e sobretudo – àqueles que não conhecem Jesus e não receberam ainda a luz de sua Boa Nova.

No que diz respeito aos homens, a quem a Igreja deve anunciar o Evangelho,¹⁷ e a quem, por conseguinte, o presbítero é enviado, é preciso evidenciar como o Concílio Vaticano II, repetidamente, falou da unidade da família humana, baseada na criação de todos à imagem e semelhança de Deus e na comunhão de destino em Cristo: «Os homens constituem todos uma só comunidade; todos têm a mesma origem, pois foi Deus quem fez habitar em toda a terra o inteiro gênero humano; têm também todos um só fim último, Deus, que a todos estende a sua providência, seus testemunhos de bondade e seus desígnios de salvação».¹⁸ Essa unidade é chamada a alcançar seu ápice na recapitulação universal em Cristo (cf. *Ef* 1,10).¹⁹

A essa recapitulação final de tudo em Cristo, que constitui a salvação dos homens, dirige-se toda a ação pastoral da Igreja. Sendo todos os homens chamados à unidade em Cristo, ninguém pode ser excluído da solicitude do presbítero a Ele configurado. Todos esperam, mesmo que inconscientemente (cf. *At* 17,23-28), a salvação que só pode vir d'Ele: a salvação que é a inserção no Mistério Trinitário, na participação de sua filiação divina. Não podem ser feitas discriminações entre os homens, que têm todos a mesma origem e compartilham o mesmo destino e a única vocação em Cristo. Estabelecer limites à «caridade pastoral» do presbítero seria totalmente contraditório com a sua vocação, marcada pela peculiar configuração a Cristo, cabeça e pastor da Igreja e de todos os homens.

Os *tria munera*, exercidos pelos sacerdotes em seu ministério, não podem ser concebidos sem sua essencial relação com a pessoa de Cristo e com o dom do Espírito. O presbítero se configura a Cristo

¹⁷ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Decr. *Ad gentes*, 1.

¹⁸ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Declar. *Nostra aetate*, 1; Const. past. *Gaudium et spes*, 24; cf. *ibid.*, 29; 22; 92.

¹⁹ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 45.

mediante o dom do Espírito recebido na ordenação. Uma vez que os *tria munera*, em Cristo, mostram-se essencialmente entrelaçados, não podendo assim ser separados de modo algum, e os três recebem luz da identidade filial de Jesus, o enviado do Pai, da mesma forma não podemos separar o exercício dessas três funções nos sacerdotes.²⁰

O presbítero vive uma relação com a pessoa de Cristo, e não somente com suas funções, que brotam e adquirem pleno sentido da própria pessoa do Senhor. Isso significa que o sacerdote encontra a especificidade de sua vida e de sua vocação vivendo sua configuração pessoal a Cristo; é sempre um *alter Christus*. Na consciência de ser enviado por Cristo, como Cristo é enviado pelo Pai, para a *salus animarum*, o sacerdote experimentará a dimensão universal, e portanto missionária, de sua identidade mais profunda.

3. Uma renovada práxis missionária dos presbíteros

A urgência missionária de nossos dias exige uma renovada práxis pastoral. As novas condições culturais e religiosas do mundo, com toda a sua diversidade, segundo as várias regiões geográficas e os diferentes ambientes sócio-culturais, indicam a necessidade de abrir novos caminhos para a práxis missionária. Bento XVI, no já citado discurso aos bispos alemães, disse: «Todos juntos devemos procurar descobrir novos modos de apresentar o Evangelho ao mundo contemporâneo».²¹

Pelo que diz respeito à participação dos presbíteros nessa missão, há que recordar a essência missionária da própria identidade presbiteral, de todos e cada um dos presbíteros, e a história da Igreja, que mostra o papel insubstituível dos presbíteros na atividade missionária. Quando se trata da evangelização missionária dentro da Igreja já es-

²⁰ JOÃO PAULO II, Exort. ap. pós-sinodal *Pastores gregis* (16 de outubro de 2003), 9: «Trata-se efetivamente de funções intimamente ligadas entre si, que reciprocamente se explicam, condicionam e iluminam. Por isso mesmo, o Bispo, quando ensina, ao mesmo tempo santifica e governa o Povo de Deus; enquanto santifica, também ensina e governa; quando governa, também ensina e santifica. Santo Agostinho define a totalidade deste ministério episcopal como *amoris officium*». O que é dito aqui dos bispos pode também ser aplicado, com as devidas distinções, aos presbíteros.

²¹ Disc. no *Seminário de Colônia* (21 de agosto de 2005).

tabelecida, dirigindo-se aos batizados «que se afastaram» e a todos aqueles que, nas paróquias e nas dioceses, pouco ou nada conhecem de Jesus Cristo, esse papel insubstituível dos presbíteros aparece de modo ainda mais evidente.

Nas comunidades particulares, nas paróquias, o ministério dos presbíteros manifesta a Igreja como acontecimento transformador e redentor, que se realiza no cotidiano da sociedade. É aí que os presbíteros pregam a Palavra de Deus, evangelizam, catequizam, expondo integral e fielmente a sagrada doutrina, ajudam os fiéis a ler e a entender a Bíblia, reúnem o povo de Deus para celebrar a Eucaristia e os outros sacramentos, promovem outras formas de oração comunitária e devocional, recebem quem vem em busca de apoio, de consolação, de luz, de fé, de reconciliação e aproximação de Deus, convocam e presidem encontros da comunidade para estudar, elaborar e pôr em prática os planos pastorais, orientam e estimulam a comunidade no exercício da caridade para com os pobres – pobres em espírito e economicamente falando –, na promoção da justiça social, dos direitos humanos, da igual dignidade de todos os homens, da autêntica liberdade, da colaboração fraterna e da paz, segundo os princípios da doutrina social da Igreja. São os presbíteros, enquanto colaboradores dos Bispos, que têm a responsabilidade pastoral imediata.

3.1. *O missionário deve ser discípulo*

O próprio Evangelho mostra como ser missionário exige ser discípulo. O texto de Marcos afirma: «Jesus subiu a montanha e chamou os que ele quis; e foram a ele. Ele constituiu então doze, para que ficassem com ele e para que os enviasse a anunciar a Boa Nova, com o poder de expulsar os demônios» (Mc 3,13-15). «Chamou a si os que ele quis» e «para que ficassem com ele»: eis o discipulado! Esses discípulos serão enviados a pregar e a expulsar os demônios: eis os missionários!

No Evangelho de João, encontramos o chamado («Vinde e vede»: Jo 1,39) dos primeiros discípulos, o seu encontro com Jesus e seu primeiro impulso missionário quando vão e chamam outros, anunciam-lhes o Messias encontrado e identificado e os conduzem a Jesus que chama ainda a tornar-se seus discípulos (cf. Jo 1,35-51).

No itinerário do discipulado, tudo começa com o chamado do Senhor. A iniciativa é sempre d'Ele. Isso indica que o chamado é uma graça, que deve ser livre e humildemente acolhida e guardada, com a ajuda do Espírito Santo. Deus amou-nos primeiro. É o primado da graça. Ao chamado segue-se o encontro com Jesus para ouvir sua palavra e experimentar seu amor por cada um e pela humanidade inteira. Ele ama-nos e revela-nos o verdadeiro Deus, Uno e Trino, que é amor. No Evangelho, vê-se como, neste encontro, o Espírito de Jesus transforma aquele que possui o coração disponível.

Com efeito, quem encontra Jesus experimenta uma profunda identificação com sua pessoa e sua missão no mundo, crê n'Ele, experimenta o seu amor, adere a Ele, decide segui-lo incondicionalmente para onde quer que o leve, investe n'Ele toda a sua vida e, se necessário, aceita morrer por Ele. Sai do encontro com o coração feliz e entusiasmado, fascinado pelo mistério de Jesus e lança-se a anunciá-lo a todos. Assim o discípulo torna-se semelhante ao Mestre, enviado por Ele e sustentado pelo Espírito Santo.

O pedido que hoje fazemos é o mesmo feito por alguns gregos, presentes em Jerusalém quando Jesus fez sua entrada messiânica na cidade. Eles pediam: «Queremos ver Jesus!» (Jo 12,21) Nós também fazemos esse pedido hoje. Onde e como podemos encontrar Jesus, depois de seu retorno ao Pai, hoje, no tempo da Igreja?

Papa João Paulo II de v. m. desenvolveu amplamente a necessidade do encontro com Jesus para todos os cristãos, a fim de que possam outra vez partir dele para anunciá-lo à humanidade atual. Ao mesmo tempo, indicou alguns lugares privilegiados em que é possível encontrar Jesus hoje. O primeiro lugar, dizia o Papa, é «a Sagrada Escritura, lida à luz da Tradição, dos Padres e do Magistério, e aprofundada através da meditação e da oração»,²² ou seja, a chamada *lectio divina*, leitura orante da Bíblia. Um segundo lugar, dizia o Papa, é a Liturgia, são os Sacramentos, e de modo muito especial a Eucaristia. No relato da aparição do Ressuscitado aos discípulos de Emaús, encontramos intimamente ligadas a Sagrada Escritura e a Eucaristia, como lugares

²² Cf. JOÃO PAULO II, Exort. ap. pós-sinodal *Ecclesia in America* (22 de janeiro de 1999), 12.

de encontro com Cristo. Um terceiro lugar nos é indicado pelo texto evangélico de São Mateus sobre o juízo final, em que Jesus se identifica com os pobres (cf. *Mt* 25,31-46).

Uma outra fundamental e preciosa maneira de encontrar Jesus Cristo é a oração, tanto pessoal como comunitária, sobretudo diante do Santíssimo Sacramento, como também na oração fiel da Liturgia das Horas. A própria contemplação da criação pode se tornar um lugar de encontro com Deus.

Todo cristão deve ser conduzido a Jesus Cristo para ter, e em seguida sempre renovar e aprofundar, um encontro forte, pessoal e comunitário com o Senhor. Desse encontro, nasce e renasce o discípulo. Do discípulo, nasce o missionário. Se isso vale para todo cristão, muito mais para o presbítero.²³

O discípulo e missionário, por outro lado, é sempre membro de uma comunidade de discípulos e missionários, que é a Igreja. Jesus veio ao mundo e deu sua vida na cruz «para reunir os filhos de Deus dispersos» (*Jo* 11,52). O Concílio Vaticano II ensina que «aprove a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente».²⁴ Jesus, com seu grupo de discípulos, de modo especial os Doze, dá início a essa comunidade nova, que reúne os filhos de Deus dispersos, ou seja, a Igreja. Depois de seu retorno ao Pai, os primeiros cristãos vivem em comunidade, sob a condução dos Apóstolos, e todo discípulo participa da vida comunitária e do encontro com os irmãos, em primeiro lugar partindo

²³ Na *alocução para a apresentação dos votos de Natal à Cúria Romana*, em 21 de dezembro de 2007, Bento XVI disse: «Nunca se pode conhecer Cristo apenas teoricamente. Com grande doutrina pode-se conhecer tudo sobre as Sagradas Escrituras, sem nunca O ter encontrado. É parte integrante do facto de O conhecer, caminhar juntamente com Ele, entrar nos seus sentimentos, como diz a Carta aos Filipenses (2, 5). [...] O encontro com Jesus Cristo exige escuta, exige a resposta na oração e em praticar o que Ele nos diz. Com o conhecimento de Cristo chegamos ao conhecimento de Deus, e só a partir de Deus compreendemos o homem e o mundo, um mundo que de outra forma permanece uma pergunta sem sentido. Tornar-se discípulos de Cristo é portanto um caminho de educação para o nosso verdadeiro ser, para o justo ser homens».

²⁴ CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 9.

o pão eucarístico. É na Igreja, e a partir da efetiva comunhão com a própria Igreja, que vivemos e nos realizamos como discípulos e missionários.

3.2. *A missão ad gentes*

A Igreja inteira, por natureza, é missionária. Esse ensinamento do Concílio Vaticano II se reflete também na identidade e na vida dos presbíteros: «O dom espiritual, recebido pelos presbíteros na ordenação, não os prepara para uma missão limitada e determinada, mas sim para a missão imensa e universal da salvação, ‘até aos confins da terra’ (At 1,8) [...]. Lembrem-se, por isso, os presbíteros que devem tomar a peito a solicitude por todas as igrejas».²⁵

De muitas e diferentes formas, os presbíteros podem participar na missão *ad gentes*, mesmo sem ir às terras de missão. Também a eles, porém, Cristo pode conceder a graça especial de serem chamados por Ele e enviados por seus Bispos ou Superiores maiores à missão em regiões do mundo em que Ele ainda não foi anunciado e a Igreja ainda não se estabeleceu, ou seja, *ad gentes*, ou enviados para onde há escassez de clero. No âmbito do clero diocesano, pensemos, por exemplo, nos sacerdotes *Fidei Donum*.

Os horizontes da missão *ad gentes* se ampliam e exigem um renovado impulso na atividade missionária. Os presbíteros são enviados a perceber o sopro do Espírito, verdadeiro protagonista da missão, e a compartilhar essa solicitude da Igreja universal.²⁶

3.3. *A evangelização missionária*

Na primeira parte deste texto, já identificamos a necessidade e a urgência de uma nova evangelização missionária no próprio rebanho da Igreja, ou seja, entre os já batizados.

De fato, grande parte de nossos católicos batizados não participa com regularidade, ou às vezes não participa nunca, da vida de nossas

²⁵ CONC. ECUM. VAT. II, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 10.

²⁶ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 28; Decr. *Ad gentes*, 39; PAULO VI, Exort. ap. *Evangelii nuntiandi* (8 de dezembro de 1975), 68; JOÃO PAULO II, Cart. enc. *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 67.

comunidades eclesiais. Isso acontece não só porque outros modelos se apresentam a eles como mais atraentes, ou então porque decidem conscientemente rejeitar a fé, mas também e cada vez mais porque não foram suficientemente evangelizados. Ou melhor: não encontraram ninguém que testemunhasse a eles a beleza da vida cristã autêntica. Ninguém os levou a um encontro forte e pessoal e, depois, comunitário com o Senhor. Um encontro que marcasse sua vida e a transformasse, um encontro em que começassem a ser verdadeiros discípulos de Cristo.

Isso indica a necessidade da missão: é preciso ir à procura dos nossos batizados, e também de todos os não ainda batizados, anunciar-lhes, de novo ou pela primeira vez, o querigma, ou seja, o primeiro anúncio da pessoa de Jesus Cristo, morto na cruz e ressuscitado para a nossa salvação, e de seu Reino, e assim conduzi-los a um encontro pessoal com Cristo.

Alguém talvez se pergunte se o homem e a mulher da cultura pós-moderna, das sociedades mais avançadas, ainda saberão abrir-se ao querigma cristão. A resposta deve ser positiva. O querigma pode ser compreendido e acolhido por qualquer ser humano, em qualquer tempo ou cultura. Mesmo os ambientes mais intelectuais ou mais simples podem ser evangelizados. Devemos, até, crer que também os chamados pós-cristãos possam, de novo, ser tocados pela pessoa de Jesus Cristo.

O futuro da Igreja depende, também, de nossa docilidade a sermos concretamente missionários em meio a nossos batizados.²⁷ Afi-

²⁷ O Papa Bento XVI, estimulando os Bispos brasileiros a «encaminhar a atividade apostólica como uma verdadeira missão dentro do rebanho que constitui a Igreja Católica», acrescentou que «trata-se efetivamente de não poupar esforços na busca dos católicos afastados e daqueles que pouco ou nada conhecem sobre Jesus Cristo. [...] Uma missão evangelizadora que convoque todas as forças vivas deste imenso rebanho. Meu pensamento dirige-se, portanto, aos sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos que se prodigalizam, muitas vezes com imensas dificuldades, para a difusão da verdade evangélica. [...] Neste esforço evangelizador, a comunidade eclesial se destaca pelas iniciativas pastorais, ao enviar, sobretudo às casas das periferias urbanas e do interior, seus missionários, leigos ou religiosos. [...] O povo pobre das periferias urbanas ou do campo precisa sentir a proximidade da Igreja, seja no socorro de suas necessidades mais urgentes, seja na defesa de seus direitos e na promoção comum de

nal, do evento salvífico do batismo derivam o direito e o dever dos sagrados pastores de evangelizar os batizados, como ato devido por justiça.²⁸

Certamente, cada Igreja particular de cada continente e de cada nação deve encontrar o caminho para chegar, num esforço decidido e eficaz de missão evangelizadora, até seus católicos que, por diferentes motivos, não vivem sua pertença à comunidade eclesial. Nessa obra de evangelização missionária, os presbíteros detêm um papel insubstituível e precioso, em primeiro lugar no que diz respeito à missão no rebanho da paróquia que lhes foi confiada. Na paróquia, os presbíteros precisarão de convocar os membros da comunidade, consagrados e leigos, para prepará-los adequadamente e enviá-los em missão evangelizadora a cada pessoa, a cada família, até mesmo mediante visitas domiciliares, e a todos os ambientes sociais nos próprios territórios. O pároco, em primeira pessoa, deve participar na missão paroquial.

Na esteira do ensinamento conciliar e conscientes da advertência do Senhor «que todos sejam um [...] a fim de que o mundo creia que tu me enviaste» (Jo 17,21), é de primária importância, para uma renovada práxis missionária, que os presbíteros reavivem em si a consciência de ser colaboradores dos Bispos. Eles, de fato, são enviados por seu Bispo a servir a comunidade cristã. Por isso, a unidade com o Bispo, que por sua vez deverá estar efetiva e afetivamente unido com o Sumo Pontífice, constitui a primeira garantia de toda ação missionária.

Podemos procurar algumas indicações concretas para uma renovada prática missionária dos presbíteros no âmbito dos *tria munera*.

uma sociedade fundamentada na justiça e na paz. Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e um Bispo, modelado segundo a imagem do Bom Pastor, deve estar particularmente atento a oferecer o divino bálsamo da fé, sem descuidar do 'pão material'. Como pude evidenciar na Encíclica *Deus caritas est*, 'a Igreja não pode descuidar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os Sacramentos nem a Palavra'» (*Discurso aos Bispos do Brasil na Catedral da Sé, em São Paulo* [11 de maio de 2007]).

²⁸ Cf. *Código de Direito Canônico*, cân. 229-§1 e 757.

No âmbito do munus docendi:

1. Em primeiro lugar, para ser um verdadeiro missionário dentro do próprio rebanho da Igreja, segundo as exigências atuais, é essencial e indispensável que o presbítero se decida, com viva consciência e determinação, não apenas a acolher e evangelizar aqueles que o procuram, tanto na paróquia como em outros lugares, mas a «levantar-se e ir» em busca, primeiro, dos batizados que por motivos diversos não vivem sua pertença à comunidade eclesial, e também daqueles que pouco ou nada conhecem a Jesus Cristo.

Os presbíteros que exercem seu ministério nas paróquias devem-se sentir chamados em primeiro lugar a ir até o povo que vive no território paroquial, valorizando sabiamente também as tradicionais formas de encontro, como as bênçãos às famílias, que tantos frutos já trouxeram. Os presbíteros que são chamados à missão *ad gentes* devem ver nisso uma graça muito especial do Senhor, e partir alegres e sem temor. O Senhor sempre os acompanhará.

2. Para uma evangelização missionária dentro do próprio rebanho católico, em primeiro lugar nas paróquias, é preciso convidar, formar e enviar também os fiéis leigos e os religiosos da comunidade. Os presbíteros na paróquia, obviamente, são os primeiros missionários e devem ir em busca das pessoas nas casas e em qualquer lugar e ambiente social; todavia, os leigos e os religiosos também são chamados pelo Senhor, mediante seu Batismo e sua Crisma, a participar da missão, sob a condução do pastor local.

Culturalmente falando, é necessário tomar consciência do fato de que o exercício da «caridade pastoral»²⁹ para com os fiéis impõe não deixá-los indefesos (ou seja, privados de capacidade crítica) diante da doutrinação que muitas vezes lhes vem de espaços como a escola, a televisão, a imprensa, a internet e, às vezes, até das cátedras universitárias e do mundo do espetáculo.

Os sacerdotes, por sua vez, devem ser encorajados e sustentados por seus Bispos nessa delicada obra pastoral, sem nunca delegar total-

²⁹ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Decr. *Presbyterorum ordinis*, 14.

mente a outros a catequese direta, de modo que todo o povo cristão seja orientado, no atual momento multicultural, por critérios autenticamente cristãos. É preciso distinguir entre doutrina autêntica e interpretações teológicas, e depois entre estas e aquelas que correspondem ao Magistério perene da Igreja.

3. O anúncio especificamente missionário do Evangelho exige que seja dada uma importância central ao querigma. Esse primeiro e renovado anúncio querigmático de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e de seu Reino tem, sem dúvida, um vigor e uma unção especial do Espírito Santo, que não podem ser minimizados ou negligenciados no esforço missionário.³⁰

Portanto, é preciso retomar, *opportune et importune*, com muita constância, convicção e alegria evangelizadora, esse primeiro anúncio, quer nas homilias, durante as santas Missas ou outros eventos evangelizadores, quer nas catequese, ou, ainda, nas visitas domiciliárias, nas praças, nos meios de comunicação social, nos encontros pessoais com os batizados que não participam na vida das comunidades eclesiais; enfim, onde quer que o Espírito nos impulsione e ofereça uma oportunidade, que não devemos desperdiçar. O querigma alegre e corajoso distingue uma pregação missionária, que quer levar o ouvinte a um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, início do caminho de um verdadeiro discípulo.

4. É necessário explicar o fato de que a Igreja vive da Eucaristia, que é o centro. Na celebração eucarística se manifesta plenamente na sua identidade. Na vida e na atuação da Igreja, tudo leva à Eucaristia e tudo recomeça da Eucaristia. Por isso, a evangelização missionária, a pregação do querigma e todo o exercício do *munus docendi* devem tender também para a Eucaristia e levar o ouvinte, no fim das contas, à mesa eucarística. A própria missão deve sempre partir da Eucaristia e sair para o mundo. «A Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária».³¹

³⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Cart. enc. *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 44.

³¹ BENTO XVI, Exort. ap. *Sacramentum caritatis*, 84.

5. A evangelização dos pobres é prioritária, em todas as formas, como disse o próprio Jesus: «O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Nova aos pobres» (Lc 4,18). No texto evangélico de Mateus sobre o juízo final, constatamos que Jesus quer ser reconhecido, de modo especial, no pobre (cf. Mt 25,31-46). A Igreja sempre se inspirou nesses textos.³²

6. A Igreja nunca impõe sua fé, mas sempre a propõe com amor, com unção e coragem, no respeito da autêntica liberdade religiosa, a qual pede também para si mesma, e da liberdade de consciência do ouvinte. Além disso, o método do verdadeiro diálogo é cada vez mais indispensável: um diálogo que não deve excluir o anúncio, mas antes supô-lo e ser, definitivamente, um caminho pelo qual evangelizar.³³

7. É necessária a preparação do missionário mediante a formação de uma sólida espiritualidade e uma autêntica vida de oração, além de uma escuta constante da Palavra de Deus, de modo especial pela leitura dos Evangelhos. O método da *lectio divina*, da leitura orante da Bíblia, pode ser de grande ajuda. De qualquer modo, o pregador deve ser inflamado por um fogo novo, que se acende e mantém aceso no contato pessoal com o Senhor e vivendo em estado de graça, como podemos reconhecer nos Evangelhos. A essa escuta da Palavra deve juntar-se um estudo constante e aprofundado da doutrina católica autêntica, tal como se encontra principalmente no Catecismo da Igreja Católica e na sã teologia. A fraternidade sacerdotal é parte integrante da espiritualidade missionária, e a sustenta.

No âmbito do munus sanctificandi:

1. O exercício do *munus sanctificandi* está também ligado à capacidade de transmitir um sentido vivo do sobrenatural e do sagrado, que fascine e conduza a uma real experiência de Deus, existencialmente significativa.

³² Cf. BENTO XVI, *Discurso aos Bispos do Brasil na Catedral da Sé, em São Paulo* (11 de maio de 2007), 3.

³³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração Dominus Iesus* (6 de agosto de 2000), 4.

Faz parte de toda celebração sacramental a proclamação da Palavra de Deus, dado que o sacramento exige a fé de quem o recebe. Esse fato é já uma primeira indicação de como o ministério presbiteral, na administração dos sacramentos e de modo especial na celebração da Eucaristia, possui uma dimensão missionária intrínseca, que pode ser desenvolvida como anúncio do Senhor Jesus e de seu Reino àqueles que pouco ou, até agora, nada foram evangelizados.

2. É preciso, ainda, sublinhar que a Eucaristia é o ponto de chegada da missão. O missionário deve ir em busca das pessoas e dos povos para levá-los à mesa do Senhor, prenúncio escatológico do banquete de vida eterna com Deus, no céu, que será a realização plena da salvação, segundo o desígnio redentor de Deus. Será preciso, portanto, uma grande, calorosa e fraterna acolhida daqueles que vêm pela primeira vez à Eucaristia, ou a esta voltam, depois de terem sido instruídos pelos missionários.

Além disso, a Eucaristia tem uma dimensão de envio missionário. Cada Santa Missa, ao seu final, envia todos os participantes a atuar missionariamente na sociedade. A Eucaristia, como memorial da Páscoa do Senhor, torna presente, sempre de novo, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo, que, por amor ao Pai e a nós, deu a vida por nossa redenção, amando-nos até o fim. Esse sacrifício de Cristo é a ação suprema de amor de Deus pelos homens.

A comunidade cristã, ao celebrar a Eucaristia e ao receber dignamente o sacramento do Corpo e do Sangue de Jesus, fica profundamente unida ao Senhor e cumulada de seu amor desmedido. Ao mesmo tempo, todas as vezes recebe de novo o mandamento de Jesus: «Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei», e se sente impelida pelo Espírito de Cristo a ir e anunciar a todas as criaturas a Boa Nova do amor de Deus e da esperança, certa de sua misericórdia salvadora. No Decreto *Presbyterorum ordinis*, o Concílio Vaticano II diz: «A Eucaristia é a fonte e o ápice de toda a evangelização» (nº 5). Portanto, é fundamental que os sacerdotes tenham o cuidado de celebrar cotidianamente a Eucaristia, mesmo na ausência do povo.

3. Os outros sacramentos também recebem sua força santificante da morte e ressurreição de Cristo e, assim, proclamam a misericórdia indefectível de Deus. A própria celebração dos sacramentos, bela, condigna e devota, respeitando todas as normas litúrgicas, transforma-

se numa evangelização muito especial para os fiéis presentes. Deus é Beleza, e a beleza da celebração litúrgica é um dos caminho que nos conduz a seu mistério.

4. Devemos rogar ao Senhor que desperte a vocação missionária da comunidade eclesial, de seus pastores e membros. Jesus disse: «A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos! Pedi, pois, ao Senhor da colheita que envie trabalhadores para sua colheita!» (Mt 9,37-38). A oração tem uma enorme força diante de Deus. Jesus nos assegura dessa força: «Pedi e vos será dado» (Mt 7,7); «Tudo o que, na oração, pedirdes com fé, vós o recebereis!» (Mt 21,22); «o que pedirdes em meu nome, eu o farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes algo em meu nome, eu o farei» (Jo 14,13-14).

5. É oportuno recordar que o sacramento da Reconciliação, na forma da confissão individual, possui uma profunda e intrínseca missionariedade. O sacerdote é chamado, para a fecundidade da missão que lhe está confiada e para sua santificação, a ser solícito, em primeiro lugar em seu próprio benefício, na celebração regular e freqüente desse sacramento e, ao mesmo tempo, a ser seu fiel e generoso ministro.

6. O ministério pastoral do presbítero está a serviço da unidade da comunidade cristã. A regeneração do povo cristão e o cuidado com a dimensão comunitária da experiência cristã são, por isso, a primeira tarefa missionária do presbítero.

7. Concluindo, o presbítero deverá entender melhor a natureza da sede que atormenta, às vezes até inconscientemente, os homens e as mulheres de nosso tempo: sede de Deus, de uma experiência e doutrina de verdadeira salvação, de um anúncio da verdade sobre o destino último, pessoal e comunitário, de uma religião cristã que seja capaz de permear toda a organização da vida e dia a dia a transforme cada vez mais.³⁴ Uma sede que só o Senhor Jesus poderá, em última instância, satisfazer, tendo sempre presente que «a caridade pastoral constitui o princípio interior e dinâmico capaz de unificar as múltiplas e diversas atividades pastorais do presbítero».³⁵

³⁴ Cf. CONC. ECUM. VAT. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 35.

³⁵ CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros *Tota Ecclesia* (31 de janeiro de 1994), 43.

No âmbito do munus regendi:

1. São indispensáveis a preparação e a organização da missão nas comunidades eclesiais, nas paróquias. Uma boa preparação e uma organização clara da missão já constituem um penhor de êxito frutuoso. Obviamente, o primado da graça não pode ser esquecido, deve ser evidenciado. O Espírito Santo é o primeiro operador missionário. Por isso, é preciso invocá-lo insistentemente e com muita confiança. Será ele que acenderá aquele fogo novo, aquela paixão missionária que é necessária nos corações dos membros da comunidade. Mas é necessário o concurso da liberdade humana. Os pastores da comunidade devem pensar, também do ponto de vista organizacional, nas formas mais incisivas e oportunas de missão.

2. É preciso buscar a execução de uma boa metodologia missionária. A Igreja tem disso uma experiência bimilenar. Todavia, cada época histórica traz consigo novas circunstâncias, que devem ser levadas em consideração ao estabelecer como praticar a missão. Há muitas metodologias já elaboradas e comprovadas na práxis das Igrejas particulares. As Conferências Episcopais e as dioceses poderiam oferecer oportunas indicações sobre esse ponto.

3. É preciso que nos dirijamos, em primeiro lugar, aos pobres das periferias urbanas e das zonas rurais. São eles os destinatários prediletos do Evangelho. Isso significa que o anúncio deve ser acompanhado por uma ação eficaz e amorosa de promoção humana integral. Jesus Cristo deve ser proclamado como uma boa notícia para os pobres. Estes devem-se sentir contentes e cheios de segura esperança em virtude desse anúncio.³⁶

4. Seria oportuno que a missão na paróquia e na diocese não se reduzisse a um período determinado. A Igreja é, por sua própria natureza, missionária. Assim, a missão deve fazer parte das dimensões permanentes do ser e do agir da Igreja. Por conseguinte, a missão deve ser permanente. É claro que podem existir períodos mais intensos, mas a missão não deveria jamais ser dada por concluída ou interrom-

³⁶ Cf. BENTO XVI, Cart. enc. *Deus caritas est* (25 de dezembro de 2005), 22; ID., *Discurso aos Bispos do Brasil na Catedral da Sé, em São Paulo* (11 de maio de 2007), 3.

pida. Antes, a missionariedade deve ser firme e amplamente integrada na própria estrutura da atividade pastoral e da vida da Igreja particular e de suas comunidades.

Isso poderia levar a uma autêntica renovação, e viria a constituir um elemento muito válido para revigorar e rejuvenescer a Igreja nos dias de hoje. É permanente, também, a missionariedade dos próprios presbíteros, os quais, independentemente do ofício exercido e da idade cronológica, são chamados à missão sempre até o último dia de sua existência terrena, porque a missão está indissolivelmente ligada à ordenação que receberam.

3.4. *A formação missionária dos presbíteros*

Todos os presbíteros devem receber uma formação missionária específica e cuidadosa, dado que a Igreja quer empenhar-se, com renovado ardor e urgência, na missão *ad gentes* e numa evangelização missionária, dirigida a seus batizados, de modo particular àqueles que se afastaram da participação na vida e atividade da comunidade eclesial. Essa formação deveria ter início já no seminário, sobretudo mediante a direção espiritual e um estudo cuidadoso e aprofundado do sacramento da Ordem, a fim de salientar como a dinâmica missionária é intrínseca ao sacramento.

Aos presbíteros já ordenados muito beneficiará, e pode-se até tornar necessária, a formação missionária, integrada no programa de formação permanente. A consciência, por um lado, da urgência da missão e, por outro, da formação e espiritualidade missionárias talvez insuficientes do presbitério há de indicar, a cada Bispo ou Superior Maior, as medidas que devem ser tomadas para dar início a uma renovada preparação para a missão e a uma mais profunda e estimulante espiritualidade missionária nos presbíteros.

Parece-nos útil destacar que um dos principais aspectos da missão é a tomada de consciência de sua urgência, que inclui o aspecto da formação dos candidatos ao ministério presbiteral, com sua específica vertente missionária.

Se o número de vocações vem crescendo globalmente no mundo, embora ainda modestamente (isso, enquanto sobretudo o Ocidente desperta algumas apreensões), o aspecto absolutamente determinante

para o futuro da Igreja é a formação: um sacerdote com uma identidade clara e específica, com uma sólida formação humana, intelectual, espiritual e pastoral, gerará mais facilmente novas vocações, pois viverá a consagração como missão e, contente e seguro do amor que o Senhor tem por sua existência sacerdotal, saberá difundir o «bom perfume de Cristo» ao seu redor e viver cada instante de seu ministério como uma oportunidade missionária.

Mostra-se cada vez mais urgente, então, criar um «círculo virtuoso» entre o tempo da formação no seminário e o do ministério inicial e da formação permanente.³⁷ Esses momentos devem permanecer firmemente unidos e absolutamente harmônicos, para que também nessa obra o clero possa tornar-se cada vez mais plenamente o que é: uma pérola preciosa e indispensável, oferecida por Cristo à Igreja e à humanidade inteira.

Conclusão

Se a missionariedade é um elemento constitutivo da identidade eclesial, devemos ser gratos ao Senhor, que renova, também por intermédio do Magistério pontifício recente, essa clara consciência em toda a sua Igreja, e em particular nos presbíteros.

A urgência missionária no mundo é verdadeiramente grande e exige uma renovação da pastoral, no sentido de que a comunidade cristã deveria conceber-se em «missão permanente», tanto *ad gentes* como onde a Igreja já está estabelecida, ou seja, indo em busca daqueles que batizamos e têm o direito de ser evangelizados por nós.

As melhores energias da Igreja e dos presbíteros sempre foram empregadas no anúncio do querigma, que é a essência da missão que nos foi dada pelo Senhor. Essa «tensão missionária» permanente não poderá deixar de ser útil também à identidade do presbítero, que, precisamente no exercício missionário dos *tria munera*, encontra o principal caminho para sua santificação pessoal e, portanto, também para sua plena realização humana.

³⁷ Cf. JOÃO PAULO II, Cart. enc. *Redemptoris missio* (7 de dezembro de 1990), 83.

Além disso, o envolvimento real e efetivo de todos os membros do Corpo eclesial (bispos, presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas e leigos) na missão favorecerá a experiência de unidade visível, tão essencial à eficácia de todo e qualquer testemunho cristão.

A identidade missionária do presbítero, para se manter, deve olhar incessantemente para a Bem-Aventurada Virgem Maria, que, cheia de graça, foi levar e apresentar o Senhor ao mundo e que continua, sempre, a visitar os homens de todos os tempos, ainda peregrinos neste mundo, para mostrar-lhes o rosto de Jesus de Nazaré, Senhor e Cristo, e para introduzi-los na comunhão eterna com Deus.

Vaticano, 29 de junho de 2010

Solenidade de São Pedro e São Paulo

Cláudio Card. Hummes

Card. CLÁUDIO HUMMES

Arcebispo Emérito de São Paulo

Prefeito da Congregação para o Clero

+ Mauro Piacenza

✠ MAURO PIACENZA

Arcebispo Tit. de Vittoriana

Secretário

INDICE

| | |
|---|----|
| Apresentação | 3 |
| Alocução do Santo Padre o Papa Bento XVI durante a audiência concedida à congregação para o Clero . . . | 5 |
| CARTA CIRCULAR <i>A identidade missionária do presbítero na Igreja como dimensão intrínseca do exercício dos <i>Tria munera</i></i> . | 9 |
| Introdução | 11 |
| 1. Consciência eclesial da necessidade de um renovado empenho missionário | 12 |
| 2. Aspectos teológico-espirituais da missionariedade dos presbíteros | 14 |
| 3. Uma renovada práxis missionária dos presbíteros . | 22 |
| 3.1 <i>O missionário deve ser discípulo</i> | 23 |
| 3.2 <i>A missão ad gentes</i> | 26 |
| 3.3 <i>A evangelização missionária</i> | 26 |
| 3.4 <i>A formação missionária dos presbíteros</i> | 35 |
| Conclusão | 36 |

TIPOGRAFIA VATICANA